

Com o livro *1808*, publicado em 2008, no segundo centenário da ida da Corte portuguesa para o Brasil, o jornalista, e agora escritor, Laurentino Gomes, 54 anos, estreou-se com um *best-seller* absoluto, que esteve meses seguido como n.º 1 da respectiva lista, tendo vendido mais de meio milhão de exemplares e

ganho os prémios de ensaio da Academia Brasileira de Letras e o Jabuti de Literatura para livro/reportagem. Editada também em Portugal a obra por igual teve assinalável êxito – de tal forma que este seu segundo livro, *1822*, que continua a temática do primeiro, acabado de aparecer no Brasil vai ser lançada entre nós já

na sexta-feira, 24, no Padrão dos Descobrimentos, em Lisboa, com apresentação de José Norton. Enquanto o *super-lead 1808* – o autor faz o melhor uso das boas técnicas jornalísticas no que são também uma espécie de grandes reportagens históricas – era “Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte

corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil”, o de 1822 é “Como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil – um país que tudo para não resultar”. Aqui se antecipa parte da “Introdução” do livro.

Sérgio Buarque de Holanda, já mencionada de passagem nos capítulos finais do meu livro anterior, *1808*, a independência foi resultado de “uma guerra civil entre portugueses”, desencadeada pela Revolução Liberal do Porto de 1820 e cuja motivação teriam sido os ressentimentos acumulados na antiga metrópole pelas decisões favoráveis ao Brasil adotadas por D. João.

Como mostra o capítulo “As cortes”, até às vésperas do Grito do Ipiranga, eram raras as vezes entre os brasileiros que apoiavam a separação completa entre os dois países. A maioria defendia ainda a manutenção do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve, na forma criada por D. João em 1815. Foram o radicalismo e a falta de sensibilidade política das cortes constituintes portuguesas, pomposamente intituladas de “Congresso Sobranceiro”, que precipitaram a rutura. Portanto, os brasileiros apenas se aproveitaram das fissuras abertas na antiga metrópole para executar um projeto que, em rigor, ainda não estava maduro. De forma irónica e imprevisível, Portugal completou o ciclo da sua criação nos trópicos: descoberto em 1500 graças ao espírito de aventura do povo lusitano, o Brasil foi transformado em 1808 em razão das fragilidades da Coroa portuguesa, obrigada a abandonar a sua metrópole para não cair refém de Napoleão Bonaparte; e, finalmente, tornado independente em 1822 pelas divergências entre os próprios portugueses. “A revolução foi concebida por completo com um sentido português e unicamente por fatores portugueses”, escreveu o diplomata britânico Edward Thornton ainda no século XIX. “Portugueses e só portugueses continuariam ainda em cena nos primeiros tempos da regência de D. Pedro”, acrescentou o historiador brasileiro Octávio Tarquínio de Sousa.

Uma segunda tese de Sérgio Buarque de Holanda, aprofundada pela professora Maria Odila Leite da Silva Dias em A interiorização da metrópole e outros estudos, afirma que o sentimento de medo, fomentado pela constante ameaça de uma rebelião escrava, fez com que a elite colonial brasileira das diversas províncias se mantivesse unida em torno da Coroa. Como se verá no capítulo “Os órfãos”, no Brasil de 1822 havia muitos grupos com opiniões diferentes sobre a forma de organizar o jovem país independente, mas todos entravam em acordo diante do perigo de uma insurreição dos cativos – esta, sim, a grande preocupação que pairava no horizonte.

Dessa forma, o Brasil de 1822 triunfou mais pelas suas fragilidades do que pelas suas virtudes. Os riscos do processo de rutura com Portugal eram tantos que a pequena elite brasileira, se congregou em torno do imperador Pedro I como forma de evitar o caos de uma guerra civil ou étnica que, em alguns momentos, parecia inevitável. Conseguiu, dessa



Laurentino Gomes 1822

No ano da sua independência, o Brasil tinha tudo para não resultar. De cada três brasileiros, dois eram escravos, negros forros, mulatos, índios ou mestiços. Era uma população pobre e carente de tudo, que vivia à margem de qualquer oportunidade numa economia agrária e rudimentar, dominada pelo latifúndio e pelo tráfico negreiro. O medo de uma rebelião dos cativos assombrava a minoria branca. O analfabetismo era geral. De cada dez pessoas, só uma sabia ler e escrever. Os ricos eram poucos e, com raras exceções, ignorantes. O isolamento e as rivalidades entre as províncias prenunciavam uma guerra civil, que poderia resultar na divisão do território, a exemplo do que já ocorria nas vizinhas colónias espanholas. Para piorar a situação, ao voltar a Portugal, em 1821 – depois de 13 anos de permanência no Rio de Janeiro –, o rei D. João VI havia raspado os cofres nacionais. O novo país nascia falido. Faltavam dinheiro, soldados, navios, armas e muni-

ções para sustentar a guerra contra os portugueses, que se renunciava longa e sangrenta. As perspectivas de fracasso, portanto, pareciam bem maiores do que as de sucesso.

Este livro procura explicar como o Brasil conseguiu manter a integridade do seu território e firmar-se como nação independente por uma notável combinação de sorte, acaso, improvisação, e também de sabedoria de algumas lideranças incumbidas de conduzir os destinos do país naquele momento de grandes sonhos e perigos. O Brasil de hoje deve a sua existência à capacidade de vencer obstáculos que pareciam insuperáveis em 1822. E isso, por si só, é uma enorme vitória, mas de modo algum significa que os problemas foram resolvidos. Ao contrário. A independência foi apenas o primeiro passo de um caminho que se revelaria difícil, longo e turbulento nos dois séculos seguintes. As dúvidas a respeito da viabilidade do Brasil como nação coesa e soberana, capaz de somar os esforços e o talento de todos os

seus habitantes, aproveitar as suas riquezas naturais e pavimentar o seu futuro persistiram ainda muito tempo depois da independência.

Em 1877, 43 anos após a morte de D. Pedro I e 12 anos antes da Proclamação da República, o grande abolicionista pernambucano Joaquim Nabuco, um dos brasileiros mais ilustrados do seu tempo, perguntava: “Deve ou não o povo participar da política (...) pelas condições especiais em que nos achamos, de território, de população, de trabalho escravo e de distribuição de propriedade?”. Com linguagem diferente, era a mesma observação que o mineiro José Bonifácio de Andrada e Silva tinha feito em 1812 ao analisar as perspectivas de êxito do Brasil. “Amalgamação muito difícil será a liga de tanto metal heterogéneo, (...) num corpo sólido e político”, ponderava o futuro patriarca da independência em carta a D. Domingos de Sousa Coutinho, embaixador de Portugal na Inglaterra.

As incertezas de Bonifácio e Nabuco, dois homens separados por mais de meio século de História, poderiam ser traduzidas da seguinte forma: “Dá para construir um país com essa matéria-prima?”. Em outras palavras, seria possível fazer um Brasil homogéneo, coerente e funcional com tantos escravos, pobres e analfabetos, tanto latifúndio e tanta rivalidade interna? (...) O Brasil conseguiu,

afinal, fazer a “amalgamação de tanto metal heterogéneo num corpo sólido e político”? Em resumo: o país deu certo ou errado? A resposta, como sempre, depende do ponto de vista do observador.

(.....)

É curioso observar como todo o



O Brasil de 1822 triunfou mais pelas suas fragilidades do que pelas suas virtudes

cenário da independência brasileira foi construído pelos portugueses, justamente aqueles que mais tinham a perder com a autonomia da colónia. O Grito do Ipiranga foi consequência direta da fuga da corte portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808. Ao transformar o Brasil de forma profunda e acelerada nos 13 anos seguintes, D. João tornou a separação inevitável. Ao contrário do que se imagina, porém, a rutura produziu-se menos por vontade dos brasileiros do que por divergências entre os próprios portugueses. Segundo uma tese do historiador

forma, preservar os seus interesses e viabilizar um projeto único de país no continente americano. Cercado de repúblicas por todos os lados, o Brasil manteve-se como monarquia por mais de meio século – “uma flor exótica na América”, segundo uma definição antiga usada em obra recente pela professora Suely Robles Reis de Queiroz, da Universidade de São Paulo.

Como resultado, o país foi edificado de cima para baixo. Coube à pequena elite imperial, bem preparada em Coimbra e noutros centros europeus de formação, conduzir o processo de construção nacional, de modo a evitar que a ampliação da participação para o restante da sociedade resultasse em caos e rupturas traumáticas. Alternativas democráticas, republicanas e federalistas, defendidas em 1822 por homens como Joaquim Gonçalves Ledo, Cipriano Barata e Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, líder e mártir da Confederação do Equador, foram reprimidas e adiadas de forma sistemática.

(.....)

Nas minhas viagens de pesquisa pelo Brasil também pude constatar que a história da independência tem sido contada excessivamente pela perspectiva das margens do Ipiranga. É como se o restante país não existisse ou todos os demais brasileiros fossem meros coadjuvantes de acontecimentos limitados à região compreendida pelas províncias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. É uma visão desfocada. O processo de separação de Portugal envolveu todo o Brasil e custou muito sangue e sacrifício às regiões Norte e Nordeste, onde milhares de pessoas pegaram em armas e morreram na guerra da independência. O estudo das rebeliões e divergências regionais do período é fundamental para entender o Brasil nascido em 1822. Historiadores importantes, como Francisco Adolfo de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro, trataram-nas de forma preconceituosa, como se fossem produto de mentes doentias e irresponsáveis. Na verdade, eram diferentes projetos de país, que espelhavam o que estava a acontecer no resto do mundo naquele momento e só fracassaram porque foram sufocados à custa de perseguições, prisões, exílios e enforcamentos. ■



› *Laurentino Gomes*

1822

Porto Editora, 304 pp, 18,90 euros